

ALVORADA

1.º Anno

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 45

Editor,
Dr. Alberto Rodrigues

Redacção e administração
Rua da Republica
GUIMARÃES

Redactor principal,

Capitão Luiz Augusto de Pina Guimarães

Propriedade da Empresa da ALVORADA

Guimarães, 28 de setembro de 1911

Administrador,
N. L. de Carvalho

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
R. DE PAVO GALVÃO

Porque será?

Ou porque tenham a consciencia da propria fraqueza ou o pre-nuncio do proximo desastre, — a verdade é que em certos republicanos o desvairamento é enorme e tão lamentavel que só encontra para se manifestar uma linguagem depravada e baixa que estavamos habituados a encontrar apenas nos jornaes anti-republicanos de que o «Portugal» e o «Povo d'Aveiro» eram os «representative-men». Na realidade, os deuses enlouquecem quem querem perder. E, assim, cada hora que passa nesse desvairamento é uma probabilidade a menos de victoria para os pobres desvairados. Não se sabe como, não se percebe bem como isso aconteceu com creaturas que apparentavam juizo e tranquillidade, sinceridade e fé patriótica. Mas o certo é que um vento forte e impiedoso tudo lhes levou, numa furia agreste e triste, como o vento de inverno arrasta as ultimas folhas das velhas arvores...

Quedamo nos espantados quando lemos certa imprensa e ouvimos certos oradores em referencias á constituição do bloco, á sua attitude, aos homens que o formam, aos elementos que o defendem, á politica que o inspira. E a nós mesmos perguntamos se não estaremos sendo victimas de quaesquer allucinações auditivas ou visuaes, quando essas referencias nos chocam pela pífieza dos termos, pela baixaza dos sentimentos, pela má fé que revelam. Ainda hontem foram nossos companheiros nos tablados dos comícios e nas tribunas das conferencias. Muitos d'elles nos chamaram para ouvirem a doutrina republicana e patriótica, quando isso não trazia vantagens nem interesses; muitos nos acarinharam em horas de desfallecimento; muitos nos pediram coragem em momentos de desanimo. Não eramos então nem vendidos nem escribas, nem traidores, nem sobas, nem thalassas, nem clericas. E todavia a nossa doutrina d'hontem é a nossa doutrina d'hoje, hontem talvez mais romantizada, mais idealizada, porque era o sonho, hoje mais relativa e mais serena, porque é a realisacão.

Que acto praticou o bloco para que lhe saltem ao caminho difamando-o e insultando-o? Quando foi que elle trahiu o programma do Partido Republicano ou a sagrada integridade da Patria? Quando foi que calçou os principios que sempre nos animaram, á sombra dos quaes luctámos e em beneficio dos quaes fizemos a Republica? Porque nos atacam furiosamente esses que ainda hontem se diziam nossos amigos e hoje nos alcunham de bandidos?

Nós queriamos a inelegibilidade dos ministros para a Presidencia da Republica. Nós votámos

no snr. Manuel d'Arriaga. Nós defendemos o adiamento. Elles queriam os ministros elegiveis; queriam o snr. Bernardino Machado na Presidencia; queriam a continuacão dos trabalhos parlamentares. Mas só d'elles teem partido os agravos, só d'elles as invectivas, as difamações. Queriamos a inelegibilidade dos ministros? Eramos patifes. Queriamos o snr. Manuel d'Arriaga? Eramos thalassas. Votavamos o adiamento? Violavamos a constituição. Formavamos, naturalmente, um bloco? Eramos traidores ao Partido Republicano. Estes os factos que ninguem pode contestar. Levantou-se para ahi uma algazarra tremenda a proposito da lei da Separacão, attribuindo-se ao bloco a idéa de a modificar. No grupo do snr. Affonso Costa tambem ha quem seja partidario de que a lei seja modificada. Em que sentido e de que maneira, não o sabemos, mas tambem se no bloco ha quem perfilhe a idéa de que algumas modificações ella tem de soffrer, ninguem sabe em que consistem essas modificações. E se só a ignorancia do facto pôde justificar os ataques violentos de que temos sido victimas, então comecem por atacar os seus proprios correligionarios, que em publico affirmaram serem necessarias certas alterações. Quanto ao bloco ser reaccionario... Ha lá quem muito antes da separacão, em factos ostensivos e que arrastavam sacrificios, se libertára da Igreja, sem odios ou exhibições, emquanto muitos dos actuaes defensores da intangibilidade a ella recorriam, estabelecendo assim uma contradicção flagrante entre os seus actos e as suas idéas. Adeante.

De sorte que, posta de parte essa insinuação injustificada, ficam de pé apenas os pontos restrictos que acima enumeramos. E então é chegado o momento de perguntarmos ao povo se somos traidores por não querermos que os ministros sejam elegiveis para a presidencia; se a condição para se ser republicano é votar no snr. Bernardino Machado; se o snr. Manuel d'Arriaga não é tão merecedor dos nossos votos, da nossa estima, da nossa consideração, como o snr. Bernardino Machado; se finalmente o votar o adiamento explica que sejamos considerados maus republicanos. Então são elles que possuem a infalibilidade? Só elles possuem a verdade absoluta e intangivel, explicação de tudo, remedio para todos os males, chave de todos os enygmas? Quem está com o Partido Republicano, quem se separou do Partido Republicano; nós que mantemos o Programma antigo ou elles que elaboraram um novo? Quem atraiçoa os principios do Partido Republicano, nós que simplesmente nos defendemos, ou elles que, por todos os meios, desde o insulto á calumnia, nos atacam? Com que direito, com que motivos d'ordem superior e nobre

é que elles dizem que só é republicano quem estiver ao lado do snr. Affonso Costa? Que nova tyrannia é essa que se está formando? Que nova «Companhia de Jesus» é que se está criando? De que novo jesuitismo é que se estão lançando as bases?

Olhe o povo com olhos de vêr. Mostram-lhe oiro e é latão. Vigaristas de novo genero, elles não metteram no envelope o numero premiado: o que lá está são bocados antigos de jornal antigo. Não dizemos que possuímos a verdade absoluta. Parecemos que o caminho util e opportuno é o nosso. Mas não insultamos nem caluniamos quem siga caminho contrario. E o povo que julgue e que diga quem é inspirado sinceramente pelo amor da patria: se nós que defendemos a liberdade, a tolerancia e a paz, se elles que são tyrannos e maldosos, que nos insultam e difamam, unicamente, exclusivamente porque não vamos em adoracão ao orago da sua capella!

Alfredo Pimenta.

Da «Republica».

NOTAS DA SEMANA

Tornando... a tornar!

Havendo pedido a sua demissão de administrador d'este concelho o snr. Alferes Theodorico Ferreira dos Santos—deliberaçao que tivera de tomar por razões de dignidade politica—foi reintegrado naquella logar o snr. Guilhermino Rodrigues, cargo de que ha um mez fora alijado—abrupta e inesperadamente...

A cidade satisfeita, como evidentemente estava, com o criterio e solicitude administrativa do snr. Alferes Theodorico; o povo de Guimarães que o havia recebido de bom grado e com manifesto carinho—tão «offendida» se julgava com a orientacão do seu antecessor—ficata surpresa e indignada com semelhante *dança*, não occultando até no seu desagrado uma vontade intensa de patear a mutação!

Não vamos agora desenrolar os factos e as circunstancias que precederam a exoneraçao do snr. Guilhermino Rodrigues; não queremos ao presente saber se o desagrado ou a antypathia da cidade contra este, é ou não justificada; o que na conjunctura queremos accentuar é isto: — a reintegração do snr. Guilhermino Rodrigues no logar de administrador do concelho, foi um acto de boa doutrina democratica, podendo até mais propriamente dizer-se que constitue o facto uma lição de direito.

E senão, veja-se: Quem foi que o empurrou da administração do concelho; não foi o poder central? Foi. E porque no caso não fôra

ouvida a auctoridade do districto, esta, naturalmente molestada com a absorpcão de poderes, reagiu—reintegrando no seu posto o seu delegado, o snr. Guilhermino Rodrigues.

Nada mais simples, nada mais logico!

Quer isto dizer que o Governador procedera d'esta forma para honrar o seu delegado?

Não procederia antes assim para prestigiar a sua auctoridade de chefe do districto?

Seja como fôr, a verdade é que se o primeiro soube cumprir o seu dever, reintegrando o snr. Guilhermino Rodrigues no cargo de administrador do concelho, para desejar seria que este soubesse por sua vez cumprir o seu—demittindo-se!

Não o fará, porem, estamos certos d'isso, pois falta-lhe a coragem para semelhantes gestos nobilitadores.

Que a parte menos intelligente da cidade, despeitada, como está, com as voltas d'esta *dança* não venha agora fazer a cizania na familia vimaranense—pois é nossa opiniao que não ha boas auctoridades quando estas são desajudadas da vontade do povo.

Por parte do snr. Guilhermino Rodrigues soppomos bem que existirá, se não o fino tacto d'uma auctoridade, pelo menos o desejo de se elevar na consideração publica—de que foi afastado, em parte por sua culpa;

E... a ver vamos!

5 d'Outubro

As festas do 1.º anniversario da Republica precisam ter um caracter accentuadamente popular, dispensando-se todos os excessos palratorios que é uso.

Não sabemos qual seja o programma das festas a realizar entre nós: seja todavia qual fôr, o que se deve é fazer interessar nelles o povo.

Entre mortos e feridos...

O «Porto» do snr. Antonio Claro, presago e funerio até á desesperança, falla-nos nas grandes perturbacões que, sempre mercê da lei da separacão, se veem dando em algumas terras na occasião em que as commissões pretendem fazer os arrolamentos nas egrejas. Alguns casos de desagrado se teem dado, é certo, e *nem outra coisa seria de esperar*: mas quem se não lembra do que em França se deu, muitos annos depois da 3.ª republica, por semelhante e identico motivo?!

Pois nós, ao contrario desse grande paiz, onde a Liberdade tem um culto, entre mortos e feridos... escapamos todos!

Até mesmo o snr. dr. Antonio Claro, que nem por ser intelligente deixa de soffrer de receios exagerados e extravagantes.

O jogo em Vizella

A' presente auctoridade administrativa queremos recomendar-lhe e pedir-lhe que liquide por forma airosa e sem rodeios esse sujo caso do jogo em Vizella—visto que fôra com a sua acquiescencia que a combinaçao se fizera.

Não queremos, na altura em que vamos e nos termos em que foi posta a questao, discutir da illegalidade e do arbitrio com que se procedeu. Adiante com isso. O que urge, visto que licenciaram e contribuíram o jogo, é apresentar as contas e respectivamente depositar o dinheiro, sem mais preambulos, desviando assim da soalheirice dos adversarios da Republica um caso, que, tal como se encontra, constitue uma immoralidade!

Sabemos com segurança como as coisas se passaram; podiamos desenrolar factos pouco lisongeiros para algumas entidades officias—visto que foi, como nem podia deixar de ser, tratado o assumpto officialmente!—mas preferimos não alastrar o episodio administrativo, ficando nós satisfeitos se virmos que a *porcaria* se liquida breve—com contas bem claras.

Existe ahi na administração uma especie de syndicancia, onde deposeram já os donos das casas de jogo e o vereador respectivo que mais directamente tratou com elles; pois bem: dê a presente auctoridade andamento á syndicancia.

Não o pode fazer para resalvar melindres?

Nessas circunstancias, diga-se ao publico, quanto antes:

—Ha tanto de quotas cobradas aos batoteiros e vão ser applicadas nesta obra de utilidade publica, em Vizella!...

Mas isto quanto antes para que se não criem e avolumem supposições que qualquer homem de brio repudiaria.

Contraste

Boa prova, se não a melhor, de que o povo portuguez é pacifico e bom de sua indole está no confronto que se queira fazer entre esses acontecimentos de revolução social que agitam toda a terra de Hespanha e o acto revolucionario que fez em 5 d'outubro a Republica.

Não dá isto, está claro, direito a que o humorismo e a caricatura nacional represente este povo soffredor e resignado, de «Zé burrego», ou, qual manada tangida por cajado de dictador, de ovelha ou vara de suínos. Não!

O povo portuguez, desde o regicídio á proclamação da Republica, mostrou que ainda sabia bater-se por ideaes de emancipação e resgate.

Distingamos

Ha quem agasalhe a ideia—illusoria ideia—que o dia solemne do primeiro anniversario da Republica tratá consigo uma ampla e larga amnistia. Sômos inclinados, por temperamento affectivo, a aceitar bem todas as manifestações de bondade, de generosidade e de perdão. Não ha duvida. Mas, se nós sentimos equilibrada a cabeça sobre os hombros, perguntamos:—onde é que essa gente tem a cabeça para, numa altura em que ainda se desenhavam ameaças de intervenção conspiratoria, virem lembrar semelhante coisa?! Amnistiem-se, sim, mas só aquellos que, como no caso dos nossos lavradores d'Abbação e freguezias visinhas, foram trazidos á cidade para darem cabo do regime—á bordoadá!

Os outros... será dispensar-lhes coração de mais, e, no governo dos povos, é muitas vezes preciso pôr o coração de parte—para que se não venha a cair nas mãos do inimigo.

Um padre a quem tolheram a vocação!

O snr. padre Ramalho, reitor de S. Miguel de Creixomil, capellão do cemiterio municipal, regatão de vinhos, azeites, cereaes... e de muitas coisas mais, é accusado nas gazetas de grande informação de pretender especular com a carestia do azeite, tendo para isso importado 13 pipas d'esse genero de consumo, cuja entrada, como é sabido, o governo auctorisára livre de direitos no intuito, exclusivo e unico, de beneficiar—o povo.

Estavamos habituados a ver como n'estes lances a estafada theoria moral de certos illustres commerciantes se revelava criminosamente gananciosa e baixa; eram, porém, commerciantes, e, se isso nos indignava, não era todavia estranhavel o facto. Agora o caso é outro: trata-se d'um commerciante que é padre, ou, mais propriamente, d'um padre que é commerciante!

Vocação?
Não queremos, não importa saber. O que resalta e fica em destaque é que ha um padre na catholica Guimarães com tenda aberta,—a sugar, a especular a miseria dos pobres!
Vergonha! Indignidade! Sacrilégio!
Um padre usando esse expediente do inferno—o negocio!
Um padre bifronte, servindo a Deus e ao Diabo!
Um padre, numa palavra, atravancando o ceu e a terra dentro dum balcão!
Ridiculo!

Alferes Theodorico dos Santos

Este cidadão prestante a quem o governo provisorio da Republica confiara a administração d'este concelho apoz acontecimentos graves de alteração de ordem publica, pedira, depois d'uma permanencia curta neste cargo, a sua demissão.

Não tendo a sua nomeação sido requerida pelas commissões locais, produzira o seu apparecimento uma certa confusão, deixando-se ver por parte d'alguns elementos republicanos um desagrado mal contido.

A cidade, ao contrario d'estes, vira, porem, com geral agrado a substituição da anterior auctoridade, e d'ahi o facto de se ver rodeado desde logo o snr. alferes Theodorico d'uma aura de sympathia, cheia d'uma confiança,

que, diga-se em abono—jámais este desmentira durante a sua gerencia.

A despeito, todavia, de toda a sua boa vontade, não pôde o snr. alferes Theodorico vencer o desagrado com que da parte d'alguns elementos republicanos fôra recebido, antes dia a dia e a pretexto de presumpções nunca confirmadas elle era olhado com despeito, vindo, por fim, a estabelecer-se a scisão, scisão brava e funda—de morte!

Desde esse momento esta auctoridade agia livremente, bem que, naturalmente, a indispozesse esta circumstancia d'uma scisão provocada menos por culpa sua, e d'ahi o ter-se chegado ao resultado da sua demissão—que elle por dignidade politica a si mesmo impoz.

Resta-nos louvar todo o seu trabalho cheio de criterio, de tolerancia e de boa politica, ao mesmo tempo que emprazamos os que pensam de modo contrario a virem-nos dizer—onde e em que tão prestante e devotado cidadão deixou de revelar-se menos digna e menos correcta a sua acção de funcionario da Republica.

Querem ser justos e imparciaes—ao menos uma vez na vida?...

Organização republicana

Em Vizella fundou-se um Centro Republicano, propondo-se este reunir á volta da bandeira da Republica todos os elementos d'aquella localidade—sem *apadrinhamentos vexatorios*. Neste sentido deram já começo á sua propaganda, realizando-se no passado domingo um comicio na visinha freguezia de Moreira de Conegos, usando da palavra varios oradores.

Ao novo Centro prophetisamos longa vida, não duvidando em pôr este jornal ao serviço da sua acção, visto que é uma causa commum, a causa da Republica.

Precizem-se factos

Leem-se e ouvem-se a cada passo e a cada esquina, artigos e discussões pejudas de acerbas censuras e ataques contra a Comissão Administrativa da Camara Municipal! Mas, com Santo Antonio dos Capuchos! porque é que esses ataques não veem acompanhados de factos analysados?!

Nós que não temos a nossa independencia de critica subordnada a nenhuns votos, queremos tambem *carregar-lhe*—é o termo—sem dó nem piedade, mas, francamente, ignoramos!

Se é verdade que não tem sido immaculados, tambem não sômos em dizer que só tenham feito mal...

Não apoiado!

Correspondencias de Braga dizem que será nomeado director do internato lical de Guimarães o padre Antonio Hermano. Informações que julgamos autorizadas dizem-nos que este padre estava filiado, pelo menos em 1890, na congregação dos lazariistas, pois nessa época era professor no collegio de Santa Quiteria, que tal congregação tinha em Marguaride. Mais nos dizem que a educação desse padre não vai além da que recebeu no seminario de Lamego e que só poderá ser forte em latim. Bom será que quem tiver que intervir na nomeação se informe devidamente sobre as condições do candidato.

Sem duvida que era e é da maxima conveniencia que a escolha do director para o Internato Lyceal se fizesse com a mais alta e superior execução e escrupulo,—pois se deprehende quanto seria

para lastimar que se acabasse com o seminario, erguendo-se outro, embora simulado. Mas não. O director indigitado e nosso correligionario, padre Antonio Hermano, reúne todas as qualidades profissionais e administrativas para elevar á altura d'um estabelecimento de ensino modelar o Internato Municipal da nossa terra.

Ignoramos se o snr. padre Hermano alguma vez esteve preso a votos congreganistas; o que sabemos, de experiencia, é que é um espirito culto, livre e desempeitado—e isso basta, entretanto.

Bom amigo

Morreu hontem, na aldeia de Gondomar, um velhote de oitenta e quatro annos, nascido em Penacova, filho dum pobre barqueiro do Mondego. Esta noticia laconica, dada com a indiferença duma nota de reportagem, pôde parecer um facto banal; mas, porque não se trata precisamente da morte dum velhote qualquer e porque a esta creatura invulgar me prendiam laços de velha sympathia, apraz-me e consola-me fallar della aos meus preclarissimos concidadãos. Recordar é viver. Eu quero recordar, desenhar a traços largos essa bella cabeça de evangelizador, essa figura que, no conjunto, lembrava um pouco a figura severa e bem marcada do apostolo da Russia, o velho Tolstói.

Este homem interessante por todos os modos e em todos os aspectos era a encarnação da mais franca honestidade, da mais austera honradez. «Menino e moço» o levaram seus paes para Coimbra e o deixaram, por vontade ou sem ella, a pisar hervas no almariz dum boticario da rua Sophia. Mais tarde o destino atirou com elle, sem saber como, para uma typographia em Aveiro, onde lhe foi dado conhecer de perto, com intimidade, o grande tribuno José Estevão. Alli passou longos annos, naquella terra e naquella casa, imprimindo, nas horas vagas, em typo de phantasia, os madrigaes que dedicava á dama dos seus sonhos. E, como esta dama, a snr.^a Ritinha da Purificação, que Deus haja, tivesse alguma coisa de seu em propriedades numa aldeia do Minho, em Gondomar, resolveu o desilludido typographo passar ao casamento, com manifesto abandono dos prêlos, e recolher-se á vida socegada dos campos, longe do bulicio da cidade e das agruras que as ambições trazem consigo. Foi isto ahi por setenta e tal.

Passados vinte annos, approximadamente, de vida pacata de proprietario rural, sulcada de pequenos incidentes sem importancia, como a morte da esposa, a perda da maior parte dos seus haveres, etc. (devo dizer, antes de mais, que o meu heroe era philosopho), determinaram os factos que nos approximassemos, elle um velho já, eu um rapazito ainda.

Assim me fui habituando a estudar, apreciar, estimar este bom e caracteristico velhote que hontem terminou seus dias. Viveu vida larga com muito estoicismo e alguma resignação, até que veio a acabar num catre miseravel, esquecido de tudo e de todos, numa indigencia extrema.

Possuia uma philosophia muito sua, adquirida natural e intuitivamente, á custa da lucidez do seu espirito e facultades de observação de que era dotado. Tinha de Deus a ideia pantheista—acreditava no deus-natureza, amava as suas arvores, os campos, os pomares, as flores, as abelhas, os animais, a luz, o sol, a vida!

Quantas vezes, no silencio das noites brancas, profundas, de luar imenso, na quietação mysteriosa da aldeia adormecida na encosta do monte, eu vi aquella cabeça nimbada de luz, erguida para o ceu, fitando a lua, as estrellas, a abobada infinita onde gravitam os mundos, num cyclo eterno, e balbucando baixinho, me ditando consigo, numa adoração religiosa: «Quem sabe ao certo o que é isto!...». Tinha razão, meu clarividente philosopho; na tua phrasia havia um conceito profundo. Onde está a sabedoria humana que prescreta aquelles mundos, donde nos vem a luz scintillante, atravez do espaço incommensuravel? Que sabemos nós comparativamente ao muito que ignoramos? Vaidade do homem é o querer explicar a natureza, o mundo, a vida!

No Deus entidade abstracta e sobrenatural, o deus dos padres, que elle aborrecia, não era um crente nem positivante em um atheu—era um indifferente, seguia o melhor caminho em face de todas as vans controversias sobre aquella existencia problematica que tem prendido, atravez dos seculos, numa discussão sem fim, os especuladores de metaphisicas. Jamais precisou do fanatismo grosseiro afim de praticar a moral superior do homem que não prejudica o seu semelhante, que faz o bem sem esperar louvores e falla sempre a linguagem da consciencia e da verdade. E, como era honesto e verdadeiro, assim julgava os outros: foi uma victima da sua ingenuidade, pobre velho.

Os homens desleaes tudo lhe roubaram, menos o coração, a honradez, a franqueza extrema; alguma riqueza, o pouco ouro, que lhe faltou na velhice e que os seus braços robustos juntaram, quando novo, pelo trabalho e pela virtude, levaram-lh'o até ao ultimo ceilil os seus amigos. Quando não havia mais que roubar, abandonaram-no. «Deixar ir o dinheiro... tambem os outros se não cançam mais em m'o pedir e eu em o guardar...», dizia elle, com a sua grandeza d'alma, sem se preocupar com os pequenos nadas deste mundo, olhando d'alto os homens e as paixões. Alguns a quem elle auxiliou em vida até depois de morto o atraioaram. Para mim, um grande caracter vale immensamente mais que o mais luminoso talento. Este velho era um justo, com a alma limpa.

Teve a morte que lutar por muito tempo para abater aquelle rijo e largo arcaboijo, porque era um homem moderado e sobrio:—comia o pão grosseiro dos campos, os fructos salutares e carnosos, a agua transparente e leve do rochedo. Nunca foi dominado pelos vicios vulgares na maioria dos homens—o tabaco, o vinho, a gula. Possuia a saude do corpo e a do espirito. No periodo em que convivi com elle, os ultimos dez annos da sua vida, encontrei-o, quasi até ao fim, com aquella clareza e lucidez do cerebro, tão rara nos velhos. Era extraordinario que um homem retirado ha trinta e tantos annos para uma aldeia afastada, passando a maior parte do tempo sem outro convivio que não fosse o dos rudes cavadores, jámais tivesse sido eivado dos vicios da linguagem incorrecta do povo.

No inverno aspero e cortante, quando as aguas saíam do leito do rio, lá ao fundo, na campina, e a chuva fustigava nas vidraças—aconchegava-se ao conforto da sua pequenina bibliotheca, o seu «archivo», como lhe chamava, onde se alinhavam alguns volumes de Herculano, Rebello da Silva,

Arnaldo Gama, Camillo, etc., uma Biblia e varios maços de revistas e jornaas amarellecidos pelo tempo, picados da traça—«O Archivo pittoresco», «Aljubarrotas», «O Campeão das provincias» onde collaborára, ha annos, com curiosissimos artigos sobre a «Eleição de Wamba, santo rei visigodo».

Era interessantissimo o cuidado com que elle arrecadava as mais pequenas inutilidades—um crystal de quartzo, um pedaço de madeira onde as fibras mostravam um desenho curioso, um pouco de musgo arrancado a uma rocha, umas conchas, um buzio, qualquer coisa que revelasse a mão omnipotente e creadora da natureza.

Amava o seu lindo oratorio em talha, não como um religioso fanatico mas como um profano colleccionador de *bric-à-brac*. Por dinheiro algum venderia as duas cruces de madeira, que elle supunha do tempo das Cruzadas á Terra-Santa, uma que lhe déra o bispo de Coimbra, um S. Marçal carunchento e roido, de mãos enludadas de vermelho, os quadros com pacientes rendilhados em papel, feitos pelas freiras do convento das Carmelitas de Aveiro.

Tinha uma predilecção accentuada pela archeologia. Sabendo da existencia de qualquer antiguidade, nas cercanias da sua aldeia, ahi ia elle observar vagarosamente, analysar, commentar a seu modo. Uma vez, na Citania de Briteiros, Sarmento, quando alli reuniu alguns sabios estrangeiros, num passeio de estudo, notou aquelle bom velhote desconhecido que fallava com correcção e dava o seu entender sobre uns objectos alli apparecidos; acercou-se delle e perguntou-lhe delicadamente quem era. «Sou um filho do povo...», respondeu laconicamente, modestamente, afastando-se do eminente sabio para junto dum grupo de camponios.

Morreu no mais desolado abandono. Creou duas filhas que á hora da morte o deixavam só, numas palhas immundas. Essas mulheres que da mãe receberam uma exagerada educação religiosa, desamparavam o pobre velho, inválido e doente, nos ultimos tempos da sua vida, e corriam para Braga, levando presentes e vidualhas aos fradinhos anafados de Montariol. Como alguém pedisse a estes santos e piedosos varões que, dado o grande predomínio moral que sobre estas creaturas exerciam, as aconselhassem a não abandonar, por vezes dias seguidos, o pae quasi entevado—obteve da canalha conventual a resposta de que «não tinham poder para retirar aquellas almas do caminho do Senhor...». Este facto tambem pôde trazer alguma luz para a historia dessa cambada immoral que, felizmente, foi corrida deste paiz.

Alli repousa, em campa raza, no adro da Igreja, voltado ao poente, olhando o sol doirado, aquelle velho que foi um santo e foi um bom. Se todos os homens tivessem a pureza de consciencia que havia neste, o ideal d'amor, de justicia, de verdade que os illuminaos pregam não seria eternamente uma utopia. Sam corações sem mancha—o seu reino não é deste mundo... São vidas ignoradas, incomprehendidas, mas valem mil vezes mais que esses idolos a quem a multidão corda de louros e de palmas.

Eu, que muito admirei e respeitei este homem honrado e simples, aqui gravo e expresso, nestas linhas que pouco dizem, toda a saudade que me deixou n'alma a sua piedosa morte.

S. Martinho de Gondomar, 19-IX-1911.

Mario Cardozo.

(REVISTA DA ALVORADA)

PLANTA DA BORRACHA

O «Primeiro de Janeiro» publicou, em o n.º 220, de 17 setembro passado, na secção do exterior, o retrato do sr. Wickam, o introductor da planta da borracha na Europa, actualmente subsidiado em virtude da sua má situação financeira, pelos jogadores bolsistas londrinos interessados na compra e venda de valores de *caoutchouc*. O caso merece maior referencia do que uma simples noticia para se avaliar da tenacidade do genio inglês.

A origem das plantações de seringueiras remonta a uns trinta e cinco annos. O governo inglês de-sejoso de implantar nas Indias uma nova cultura, enviou ao Amazonas um competente, o sr. H. A. Wickam, incumbido de estudar as condições de vida da *Hevea brasiliensis*, e colher sementes que se plantariam nas Indias. Parece que os *indigenas* o receberam muito mal, exigindo por cada milheiro de sementes 10 libras. O que é facto é que ele entregou em 1875 ao jardim botânico de Kew (arredores de Londres, sobre o Tamisa), 70:000 sementes de seringueiras, as quais foram semeadas nas admiráveis *papineiras* daquelle jardim, e que occupam 110 hectares de terreno.

Um anno depois eram expeditas pelo governo para Ceylão, 2:000 das novas plantas, consignadas á estação botânica experimental de Peradeniya. O desenvolvimento fez-se bem; em 1879, já foi possível repartir 500 arbutos bem saões e fortes entre os districtos da Birmania e das Indias Septentrionaes, onde os plantadores as instalavam de permoio ás arvores de chá. Em 1883, as estações de Peradeniya e Hemragoda obtinham, por seus proprios esforços, novas remessas de sementes, e de tal forma as coisas seguiram que, em 1886, as Indias exportavam plantas de seringueiras para os agricultores da Malasia, Java, Sumatra porque naquela epoca se passava ali uma crise de café. Desde então, por toda a parte onde as condições naturais o permitem tem sido tentada com maior ou menor exito, a cultura da *hevea*.

Como se sabe, a borracha é obtida pela coagulação do leite, ou *latex* de certas plantas, leite que se obtém *sangrando* a casca da arvore, isto é, ferindo um tanto profundamente a casca, sem, contudo, atingir o lenho. O leite escorre pela ferida e vem cair nas tijelinhas de folha que se põem em baixo presas por grampos. A planta cura-se por si mesma dessa sangria, até o dia em que voltam a extrair-lhe mais *latex*. Cada arvore recebe 8, 10, 12 tijelinhas.

Esse leite coagula lentamente com o contacto do ar e mais rapidamente se o expõem ao fumo do *urucu*—côco de uma palmeira muito abundante no Amazonas. O coalho assim obtido, escorrido de toda a agua, formando uma grande bola, é elastico e forma o *caoutchouc* que é vendido á industria como borracha bruta.

São inumeras as plantas que fornecem um *latex*, susceptivel de coagular-se em massa mais ou menos elastica; desde a sensitiva até a figueira domestica, é grande a lista de plantas seringueiras. Mas nem em todas o *latex* pos-

sue qualidades eguaes. Só plantas de paizes quentes e umidos poderão produzir borracha aproveitavel. É o grande vale do Amazonas, a patria do *caoutchouc* porque é irrigado continuamente por chuvas abundantissimas e inundado, encharcado periodicamente, pelas formidaveis cheias amazonicas

Em floresta vastissima nasce naturalmente, espontaneamente a *Hevea brasiliensis*, cuja goma é muito apreciada nos mercados da Europa e America do Norte.

São essas florestas abundantes em seringueiras, que, convertidas em propriedade particular, recebem o nome de *seringues*. Para a exploração o seringal é dividido em *ruas* e cada *rua* está a cargo de um seringueiro, (que é o trabalhador encarregado de extrair e preparar a borracha).

Agora a jogativa bolsista.

Ha uns dez annos a produção total do *caoutchouc* no mundo era de 50:000 toneladas por anno; as diversas industrias, que consumiam esse producto esgotavam-no quasi todo, pois que nunca se conheceu *stock* de *caoutchouc* de mais de 8:000 toneladas.

Mas novas industrias se crearam e que consumiam cada vez mais borracha — a industria das bicicletas, electricas e a dos automoveis. Só a America do Norte, em 1910, fabricara para cima de 200:000 automoveis; a Inglaterra 70:000 e a França 30:000.

Crescendo a procura, cresceu o preço de tal modo que certas applicações do *caoutchouc* nem puderam suportar a alta e se transformaram. Outras applicações desapareceram pura e simplesmente. Em 1909 sendo a produção de cerca de 70:000 toneladas, houve ainda assim um deficit de 5:000 toneladas; quer dizer, nos grandes mercados houve encomendas superiores em 5:000 toneladas ao que pôde ser fornecido. Daqui nasceu a febre de jogatina sobre valores e acções da borracha.

Os maiores consumidores são os norte-americanos, quasi metade da produção total. Só em 1909 os Estados Unidos e o Canada consumiram 32:000 toneladas de borracha, ao passo que a Europa toda não foi além de 38 mil toneladas, a saber: Inglaterra, 15:000; Alemanha e a Austria, 10:000; 4:000 a França, etc.

Ha vinte annos a esta parte, em virtude do plantio da arvore da borracha ser igualmente remunerador, e o futuro das empresas que se lançam para esse fim é garantido, porque a procura da borracha cresce e crescerá continuamente, numerosas empresas crearam-se e sociedades fundaram-se para plantar e explorar arvores de *caoutchouc*.

Algumas dessas sociedades datam de dez annos apenas; e a maior parte delas está em magnifica situação, salvo o caso de grandes accidentes, como devastações por ciclones, ou absoluta impericia das administrações. Ha algumas que são verdadeiras minas de ouro, e é o que explica porque razão certas acções subiram na bolsa de Londres de 1:500 por cento! A *Batte Caves* pagou aos acionistas em 1909 um dividendo de 50 %, ao passo que no anno anterior pagára 8 %, apenas. A *Damansara* dá igualmente 50 %, contra 12 %. A *Patating Rubber* distribuiu 45 % em 1908, e 125 % em 1909.

Só de capitães ingleses havia, até os fins do anno de 1909, 16 milhões de libras sterlingas, empregados em numerosas sociedades e empresas para o plantio das heveas na Malasia, Java, Borneo, Ceylão. Algumas das novas sociedades tiveram acções cotadas com 300 % de agio.

No 1.º de janeiro de 1909 contavam-se 32 companhia de *caoutchouc*; actualmente existem cerca de 350.

REPORTAGEM

Bellezas

Chamamos a attenção de quem competir para aquellas sacadas que se admiram á rua da Republica (Rainha), 75 e 77, antiga casa Pimenta. É mais uma curiosidade a offerecer aos estranhos que nos visitam.

É um primor, tanto no desenho, como na materia prima.

Noticias militares

Apresentaram-se em infantaria n.º 20, de doentes nos seus quartéis, o musico, sr. José dos Santos e alferes, sr. Arthur de Sousa Mascarenhas; de licença, nos termos do regulamento disciplinar, o capitão, sr. José Xavier Barbosa da Costa; e de deligencia a Villa Pouca de Aguiar, com a força do seu commando, o tenente sr. Abilio Francisco de Jesus.

—Estam no goso de licença do regulamento de tiro, por 30 dias, os 1.º sargentos, snrs. Antonio José Martins e Sergio Augusto e 2.º sargento, sr. Joaquim Ferreira Pedras; disciplinar, tambem por 30 dias, o tenente sr. Francisco Martins Ferreira, e a beneficio dos fundos da escola regimental por 10 dias o 1.º cabo, sr. Antonio José Rodrigues Toriz a soldados, snrs. Aprigio Neves de Costa e Manoel Maria Miranda da Silva, todos de infantaria n.º 20.

—Marchou a apresentar-se em Lisboa, ao Jury de exames para alferes do secretariado militar, o 1.º sargento d'infanteria 20, sr. Gemeniano Saraiva.

—Foi collocado em infantaria n.º 20, o tenente, sr. Manuel Frutuoso de Carvalho.

—Passou a exercer as funções de bibliotecario o alferes, sr. Carlos Augusto Pereira de Castro.

—Foi concedido o bilhete de identidade aos sargentos e equiparados, com a apresentação do qual teem 50 % de abatimento nos preços das viagens nos caminhos de ferro do Estado.

—Teem sido licenceados por 30 dias as praças de infantaria 20, no 3.º anno de alistamento.

Funeral

Realisa-se hoje, pelas 10 horas da manhã, na capella da Senhora da Guia, o funeral de D. Joaquina do Sacramento, de 66 annos de idade, irmã dos nossos conterraneos, snrs. Luiz, Manoel e Domingos Pereira, residentes no Rio de Janeiro.

Sociedade Protectora dos Animaes

Sua instalação

«O grau da civilisação de um povo, avalia-se pela forma porque elle trata os animaes.»

Na passada segunda-feira, na sede da Associação de Classe dos Empregados de Commercio, reuniram, a convite da Comissão Inicialora da Sociedade Protectora dos Animaes, os socios fundadores desta Sociedade, que são em numero de 57, e sendo pelo membro da comissão, sr. Se-

raphim Rodrigues, exposto a todos os presentes o objeto da reunião, que era a instalação da sociedade e discussão dos seus Estatutos, propoz que se nomeasse um presidente e dous secretarios para presidirem á assembléa, resolvendo esta que a mesa fosse constituída por tres dos membros da comissão inicialora.

Feito isto, assentou-se em que a Sociedade não tomasse de alugar casa propria, porque isto se tornaria dispendioso e além disso ser desnecessario para uma sociedade desta natureza, que não é por forma alguma uma associação de recreio; mas sim, procurar ficar annexa a outra qualquer associação, mediante o pagamento de qualquer quantia.

Em seguida procedeu-se á leitura dos Estatutos, que foram elaborados pelo sr. Seraphim Rodrigues, sendo estes approvados com pequenas e ligeiras alterações, devendo a comissão desde já tratar da sua approvação official.

Foi mais proposto nomear-se uma comissão installadora para ultimar todos os trabalhos de organização, resolvendo a assembléa que ella fosse constituída pelos membros da comissão inicialora, funcionando até á data que os Estatutos marcam para eleição da direcção da sociedade, ou seja em janeiro.

Actualmente tres sociedades destas ha no paiz:

Lisboa, Porto e Guimarães.

Se por um lado nos orgulhamos desta distincção, por outro nos entristece que em outras terras não tivessem já fundado sociedades congeneres. Porque, «dedicar-se a alguém á protecção dos animaes, não é tanto advogar a causa delles quanto rectificar as intelligencias, dilatar os corações, e melhorar a multidão: é verdadeiramente constituir-se campeão do espirito de justiça, de compaixão, de respeito, sem o qual fôra impossível a existencia da ordem moral.»

É, pois, esta uma das mais sympathicas associações que nesta terra existem.

Proteger os animaes, essa infinidade de seres que sentem, como nós sentimos, as dores physicas e porventura as dores moraes, é uma edeia altruista que sobremodo honra quem a pratica.

Seria bom que a imprensa local, que tão bem recebeu a noticia da fundação da humanitaria sociedade, encetasse uma propaganda a seu favor, pois que com isso muito concorreria para a morigeração do povo e educação da infancia.

Aos paes, e a todos aquelles que a educação de creanças teem a seu cargo, pediamos-lhe, para seu bem e dellas, para os preparar e ensinar a ver com amor e carinho esses *ábds* do homem que, por instincto, ellas tanto mal tratam.

Lembra-vos que, toda a creança que prazer sentir em flagelar um pobre ser irracional, não pode vir a ser nunca uma boa creatura. A creança deshumana, mais tarde, quando fôr já homem, não exitará em torturar o seu semelhante, até aquelles que deveria amar.

Ensinae-as a amaros animaes!...

Francisco de Faria

SOLICITADOR

Mudou o seu escriptorio para a Praça do Libertador de Portugal (antigo Largo do Tournal) n.º 27—1.º andar.

Descanço nas pharmacias

Mappa das Pharmacias que se conservam abertas nos dias abaixo designados:

Outubro	
DIAS	PHARMACIAS
1	Alves Mendes
8	Rodrigo Dias
15	Martins
22	Barbosa
29	Cunha Mendes

CASA PENHORISTA VIMARANENSE

Rua da Republica, 144

GUIMARÃES

AVISO

Leilão de penhores

De harmonia com o decreto de 1 de Outubro de 1909 se faz público que no dia 29 do proximo mez de Outubro e seguintes, pelas 9 horas da manhã, proceder-se-ha n'esta casa á arrematação de todos os objectos depositados que, por falta de pagamento dos respectivos juros, se julgam abandonados por seus donos.

Roga-se, portanto, aos snrs. mutuarios, em cumprimento do art. 13.º das Condições do Contrato, a fineza de virem pagar os seus debitos em atrazo até ao dia 23 do mez acima referido.

Guimarães, 20 de setembro de 1911.

Os proprietarios,

Peixoto & Rocha.

EDITAL

O cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do concelho de Guimarães, etc.

Faz saber que em virtude do art. 5.º do Decreto de 23 do corrente, todos os negociantes que pretendam vender azeite a retalho e ao preço fixado no decreto de 21 de agosto ultimo, deverão fazer a sua requisição por intermedio d'esta administração, nos seguintes termos:

- a) nome ou firma e residencia do requisitante;
- b) local do estabelecimento;
- c) quantidade d'azeite que deseja adquirir.

N'esta secretaria serão fornecidos os devidos esclarecimentos relativos á forma de pagamento e distribuição do mesmo azeite. Guimarães, 27 de setembro de 1911. E eu Manoel de Freitas Aguiar, secretario, o subscrevi.

Guilhermino A. Rodrigues.

Eduardo d'Almeida

A familia e a evolução social

A' venda nas Livrarias em Guimarães—Papellaria Lemos

SALGADO

RUA 31 DE JANEIRO—GUIMARÃES

Completo sortido de fazendas brancas, miudezas e fazendas de moda
 Variedade em colletes d'espartilhos da casa Santos Mattos (fabricantes)
Chá preto e verde de superior qualidade
 Vinhos finos da casa Ferreirinha que se vendem por os preços da tabella
 Um grande sortido de bordados que se vendem a pezo. Pengas, suspensorios e gravatas para homem e creança. Sabonetes e perfumarias finas.

PROSPERIDADE

Companhia de Seguros e Reseguros

PORTO

Agente em Guimarães: ANTONIO JOSÉ PEIXOTO DA COSTA

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamellas, n.º 31—A—, junto á Praça de S. Thiago, a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietario,

João Vellozo d'Araujo.

PHOTOGRAPHIA CARVALHO

GUIMARÃES

José dos Santos Carvalho participa aos seus ex.^{mos} amigos e freguezes que tomou a direcção technica do novo e luxuoso atelier á rua de Payo Galvão, 98, junto ao edificio dos Bombeiros Voluntarios, construido segundo todas as regras da arte e dotado dos melhores aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes photographicos para medalhas, perfeitos e eternos — Retratos em porcellana

Retratos réclame desde 600 reis a duzia — Ampliações inalteraveis desde 2\$000 réis.

Novidades, effeitos de luz, transformações de vestidos e penteados etc., etc.

Quem deseje adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egular, não hesite em procurar sempre esta casa. Opera-se com todo o tempo.

NOTA: De harmonia com a lei do descanso semanal, esta photographia acha-se encerrada ás segundas-feiras

Casa High-Life

93, Rua da Rainha, 97



CHAPEUS PARA SENHORA E CREANÇA

(Ultimos modelos)

Exposição permanente no 1.º andar

Malas de mão (Bolsas)

LEQUES, muita novidade

Camisaria, Gravataria, Espartilhos e artigos de bordar

Deposito de luvas em todas as qualidades

— PREÇOS FIXOS —

Camillo Larangeiro dos Reis

TOURAL

Sortido completo em lanificios
 DEPOSITO DE MALAS
 VINHOS BRANCOS ENGARRAFADOS

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1\$200 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, anno (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	20 "	Annuncios, não judiciaes, para os snrs. assignantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ex.^{mo} Snr.